

PROBLEMAS E SOLUÇÕES

Notas

Existem algumas máximas de pesquisa que se mantêm à parte e orientando o corpo da Cientologia, tendo a ver com a maneira como você a entende. O Excalibur foi um livro-total, de corpo inteiro. Algumas das suas máximas estão na Dianética, A evolução de uma Ciência. Estas máximas dão a racionalidade e a maneira de como você a entende. De vez em quando, uma delas dá uma boa visão da existência.

Por exemplo, uma máxima era: “Pegar num corpo de conhecimento que produziu maus efeitos e resultados. Tirá-lo fora e não lhe prestar mais atenção” Podemos por fim isolar a verdade por eliminação, por aproximação. Usamos isto todas as vezes que analisamos casos. Vemos o que não funcionou e assim não corremos o Pc nisso. Acontece que a máxima inversa não é funcional. Algo que foi verdade numa circunstância não prova ter qualquer funcionalidade lata. Os auditores que não reparam nisto ficam presos num ganho com alguns processos ou abordagem anómala e acabam em falhanços.

Ao procurar traçar um caminho através do diagrama (plot) de metas do Pc, quando os itens leem num dia e no dia seguinte não quando examinados, se revelam qualquer outra coisa, LRH tinha um dado para cobrir a situação: “um problema é tão complexo quantas as potenciais soluções que ele apresentar”. É o número de soluções e não a sua complexidade que determina a complexidade dum problema. Isto acaba com a ideia do “Clear de um golpe” um belo pensamento que pode ser o sonho. O problema do governo tem que ser terrivelmente complexo uma vez que tem tido muitas, muitas soluções. Não é uma grande solução que equivale a um grande problema. Um problema complexo é o que equivale a muitas soluções. Podia ser esta a situação com que nos deparamos quando o Pc não responde bem ao processamento. Pode acontecer ter nas mãos um caso complexo que só seria resolvido por uma complexidade de processos. Se o problema duma pessoa na vida tem requerido muitas soluções, então ele tem que ser muito complexo e requer uma complexidade de processos para o resolver. Soluções simples não funcionam em problemas complexos. Não se resolvem todos os problemas políticos votando democraticamente.

Existe outra máxima: “uma solução tem que ser tão complexa como os potenciais do problema”. Neste contexto potenciais significa “ameaças às dinâmicas”. Aqui estamos a falar de um problema perigoso. Por exemplo, um problema que tem o potencial de liquidar a sobrevivência em várias frentes é um grande problema. Seremos derrotados se oferecermos uma simples solução. Se uma pessoa tem um problema perigoso e lhe damos uma solução simples, ele rejeitá-la-á. Problemas simples não se tornam perigosos. Só os complexos o fazem. Eles requerem soluções complexas. Se não fosse assim, a pessoa já teria o problema resolvido. Um problema não seria perigoso se não lhe tivesse sido permitido ir longe demais.

O curso de ação apropriado para manejar um problema é encontrar todos os aspetos do problema que têm que ser resolvidos. Há tendência para ser algo não aparente à primeira vista. Descobrimos quantas as soluções necessárias. Poderíamos ver isso por dinâmicas. O procedimento é este:

Obter a pressão imediata. Indicar que tem que haver uma solução.

Separar a situação em problemas seus componentes. Indicar a necessidade de solução para cada um deles.

Isto tira a confusão da situação. Basta a pessoa separar as águas para se sentir melhor, porque pelo menos ela pode agora ver melhor a área. Também lhe pusemos a almofada da “solução necessária” na frente de cada elemento seu. O PC estará meio manejado apenas com esta ação. Podemos depois encontrar soluções num gradiente. Ele pode começar num gradiente vendo que problema pode ser resolvido agora. Isto torna o nível 0 uma brisa, quando ele é usualmente duro. O nível 0 é duro porque a maior parte dos problemas das pessoas são tão grandes que elas não sabem que os têm. Elas não olham para as importâncias da sua vizinhança, em absoluto! O homem está nesta condição porque nenhuma solução tem sido possível. Soluções simples para problemas complexos, falham. A ideia da Cidade Internacional é boa e complicada. Tem que ser, por causa da dimensão do problema que se está a tentar resolver. A solução usual “Vote Republicano!” é totalmente inútil.

À medida que subimos os níveis, pode parecer que estamos a confrontar problemas mais complexos, mas, na verdade, tanto problemas como soluções se tornam mais simples conforme subimos os níveis. Conforme subimos somos na verdade confrontados com cada vez menos problemas e cada menos soluções são exigidas. O psicólogo e o psiquiatra pensam que estamos a penetrar na psique do Homem até ao fundo. Estão enganados. Estamos ali. Temos que subir para elevar a consciência. Uma pessoa no seu caminho ascendente tem que obter e estar mais consciente de tipos de consciência e da existência. A sua única rota é para cima. Os psiquiatras pensam que temos que descer na psique Humana para chegar às profundezas das motivações, etc., através de três ou quatro camadas sub-volitivas. Isto é uma inverdade. Não se desce na psique Humana. Está-se lá. Não há nenhuma motivação escondida profunda. Tudo o que resta é o indivíduo, e ele está motivado. Temos que ir para níveis mais altos. “Este sujeito não tem um inconsciente para ser explorado. Ele está inconsciente”. Os psiquiatras estão à procura da coisa errada. Estão à procura das profundezas ocultas abaixo do nível de consciência do sujeito. Esses “níveis mais profundos da inconsciência” que eles procuram, estão sentados na cadeira ali mesmo na sua frente. Não são os recessos que estão escondidos. Podemos levar o indivíduo mais para baixo com drogas, etc. e aprender qualquer coisa. É preciso tornar o indivíduo mais consciente a fim de podermos descobrir algo sobre ele e não o tornar menos consciente. Os psiquiatras estão a pedir ao bombeiro dum navio que os ajudem a encontrar o bombeiro. E o bombeiro, tendo perdido a sua identidade e ser, tentará voluntariamente ajudá-los a ir à procura de si próprio. Procura-se o espírito do Homem, mas ele é o espírito.

Um theta está a aumentar a consciência do seu ser, a sua consciência da existência, e os problemas e soluções da vida são o que determinam os sete níveis de processamento. Poderíamos esquematizar os níveis perguntando apenas às pessoas a vários níveis: “o que é para ti um problema?” Se a consciência da relação da pessoa com a existência é aumentada podemos provocar uma mais alta condição de vida, desempenho, capacidade, etc. E essa é a única maneira de o fazer, apesar da pretensão de iluminação pelas drogas ou alto desempenho com drogas. As drogas reduzem a consciência. As pessoas podem pensar que trabalham melhor quando estão embriagados ou drogados. É assim porque estão menos conscientes da sua condição.

A “lógica” de que se ficássemos um pouco menos conscientes ficaríamos muito melhor, tem existido desde o princípio deste universo. A “solução final” para problemas tem sido tornar-se inconsciente deles. A penúltima solução é “estou a fazer bem”, a assunção de que seja o que for que está a fazer está certo.

Assim, se alguém se quer melhorar a si próprio, tem dois caminhos:

Tornar-se mais consciente.

Tornar-se menos consciente e esperar não ser atropelado.

O último é traiçoeiro. É esperar que tudo ficará bem. A esperança substitui o controlo, confronto, consciência e certeza. “Vou esquecer isso e espero que não me chateie. Vou ficar menos consciente”, é a ideia. Por exemplo, as mulheres no século XIX desmaiavam como solução. Isto é como o

mecanismo da “pantera negra”, só que pior porque não está simplesmente a ignorar a pantera negra, mas está a ficar inconsciente. As pessoas ficam de algum modo aterrorizadas quando lhe invertemos o fluxo e as levamos a confrontar todas as coisas de que se tornaram inconscientes.

O truque de ficar inconsciente leva a que nunca na realidade lá chegaremos. “Este universo (está) em progresso para cada vez menos consciência. É a rota para o sono total. E o truque... está tão tramado que nunca adormece. Quanto mais baixo desce mais problemas tem porque agora os pequenos problemas parecem maiores”. Ficar consciente do grande problema trouxe ao theta menos poder ou força. Isso reduziu o seu confronto. Por isso ele está agora menos capaz de confrontar pequenos problemas e assim os pequenos problemas parecem maiores, conforme os grandes problemas lhe pareciam na fase anterior. Parecem muito mais ameaçadores. O poder e ameaça do grande problema reveste agora o mais pequeno. Havia um problema maior do mesmo gradiente que ele deixou de confrontar: (digamos um temporal). Ele tornou-se inconsciente dele quase de propósito e isto põe-no em confronto apenas com uma leve brisa. Mas o grande problema estava cheio de terror, por isso a brisa está cheia de terror. Existe o truque de descobrir memórias escondidas. Ocasionalmente podemos descobrir memórias por meio de truques aumentando ligeiramente a consciência do Pc e assim ele perderá algum medo, mas não melhora muito a sua condição. Ele apenas muda para outro medo. (“sintoma de substituição”). “Todos os pequenos medos são irracionais e são baseados num medo maior” Freud chamou a atenção para isto. Isto acontece porque “o indivíduo resolve o medo maior tornando-se menos consciente” Podemos encontrar o medo maior que causou o medo menor. Era disso que Freud andava à procura. Mas não o fazendo saltar fora, podemos pôr o Pc no medo maior e metê-lo num laço. Não podemos aumentar a consciência de uma pessoa para além da sua capacidade de confronto. Ela pode escolher entre cognitar e fugir. É muito provável que ela fuja. É por isso que, na análise, os analisandos cometem suicídio, quando a fazem. Não se faz processamento entrando em estados mais profundos para encontrar os medos que motivam este indivíduo. “Não há nenhum subconsciente mais profundo onde o indivíduo entrar”.

Se exteriorizarmos uma pessoa sem tirar a carga da razão porque ele estava na cabeça, se o tirarmos para fora da cabeça e o fizermos confrontar os problemas porque ele entrou para a cabeça para não os confrontar, veremos que agora não o podemos voltar a tirar fora nem com um abridor de latas.

Nós podemos pôr qualquer pessoa num mais alto nível de consciência. Ela torna-se agora consciente dos problemas que não manejar. Isto, por si só, cria-lhe a necessidade de progredir por gradientes. Conseguimos na medida em que a deixarmos sentar um instante e desfrutar a paisagem. Ela é uma vítima da carga autocrada, grandes massas dessa carga. Quando fica mais consciente recua perante ela. É preciso tirar carga fora obtendo ação de TA. Depois ela pode facilmente mover-se para cima onde lhe podemos tirar fora mais carga. Não é uma atividade espetacular. À medida que o Pc se move pela linha acima, os seus problemas parecem maiores, mas só porque ele pode ver mais.

“Reducir a complexidade do problema reduzindo as soluções de ontem”, eis a chave do processamento. Uma pessoa no grau 0 tem problemas perigosos e tem que ter soluções complexas. Como é que damos a volta a isto? A velha solução é do que ele está mal. Curas, curas, e mais curas. Não vale de nada a ninguém lhe resolver problemas. O que nos afasta disto é que nós não estamos a dar soluções a ninguém.

O erro básico está na parte mais fundamental do problema que pode ser as-isada por causa da cadeia de soluções. Como auditor, não “está a dar ao Pc novas soluções para a sua vida. Está a pôr fora de existência velhas soluções que agora existem na forma de problemas... Estamos a fazer as-is do que foi resolvido no passado e levou a pessoa a ficar mais inconsciente... Estamos a fazer as-is de velhos problemas”. Estamos a fazer as-is de solventes passados. Estamos a voltar pelo mesmo caminho que o trouxe para baixo, correndo soluções e correndo problemas de ontem. Estamos a tirar fora o velho pensar que o fez cair e ficar (in)consciente. Na R1C (Trata-se da R1C com e-metro. Persegue-se o BD depois de completar o ciclo de ação em que estava) estamos a retroceder o Pc através de problemas de

ontem obtendo as suas soluções. Se corrermos algo como um problema, estamos a corrê-lo abaixo do seu devido nível de consciência. Eis o truque: um problema, por definição, é algo que não podemos confrontar, e uma solução é uma maneira pela qual não temos que confrontar algo. Por isso, o esforço para manejar o problema é resolvê-lo e, se a maneira como é resolvido é tornar-se menos consciente dele, entrámos em níveis mais baixos de consciência. Estamos a olhar para soluções de ontem. Quer corramos problemas ou soluções, estamos na verdade a correr soluções. Quando pedimos problemas estamos a pedir algo que o Pc não pode confrontar. Quando pedimos soluções, estamos a pedir algo que o Pc pode confrontar. Correr problemas só requer o confronto do não-confronto do Pc. Por isso não corremos problemas. Corremos as soluções que mais tarde são realmente problemas, mas que podem ser confrontadas. “É a diferença entre correr não-confronto e confronto ... (estamos contudo a correr o mesmo tipo de coisa, mas de outro ponto de vista). Se lhe chamamos problemas, então estamos a dizer que o indivíduo não pode confrontar. Se lhe chamamos soluções, então estamos a dizer que ele pode confrontar”. Por isso quando corremos soluções, livramo-lo dos problemas que ele estabelece para evitar confrontar coisas, recuando na banda através das soluções.

Quando fazemos isto o Pc torna-se mais consciente e mais capaz de confrontar ao ponto de poder confrontar os problemas que o fizeram decidir tornar-se inconsciente em primeiro lugar e, ele vê que eles, por sua vez, foram soluções, descobrindo assim para que era uma solução, etc., e está pronto para sair em liberdade. Esta saída é a Rota 2.

Este princípio mantém-se verdadeiro por todo o caminho acima. Os GPMs foram soluções muito complexas que têm que ter tido problemas muito complexos por trás deles. O problema principal era uma indisposição para confrontar. Por isso não pedimos ao Pc para confrontar a coisa toda numa vez. Fazemo-lo gradualmente. É por isso que os níveis lá estão. Estão lá com base no facto de que um indivíduo, num dado momento, está no seu mais baixo nível de consciência. Trazemo-lo daí para cima e não para baixo. “Você reduz a complexidade do problema reduzindo soluções de ontem”. Temos que o levar atrás entrando em mais consciência para que ele tenha a sua própria no ambiente onde agora entrou. É assim que se processa alguém. É por isso que às vezes o Pc vira maníaco, quando ele é impelido para cima um pouco demais para ele num momento particular.

Por isso reparem que estamos a tirar fora carga que impede o indivíduo de confrontar os problemas que tem. O ser mais complexo que confrontamos é o Pc de mais baixo nível. Se reduzirmos a complexidade do problema fazendo as-is das soluções complexas de ontem, podemos tirar fora carga e o Pc pode agora agir melhor, porque o seu nível de consciência veio acima. Quando ao princípio pedimos um dado não o obteremos, mas tiraremos carga fora. Quando então pedirmos de novo o dado, uma vez que retirámos carga dessa área, obtê-lo-emos. É assim que o processamento funciona.

“O caminho de entrada neste universo é sucessiva inconsciência e, o caminho de saída é sucessiva consciência. ... Ele meteu-se em sarilhos resolvendo meter-se em sarilhos... Não existem níveis inferiores de consciência para explorarmos. Só níveis superiores”. O caminho de saída não é espetacular. Tiramos o Pc pelo mesmo caminho por onde ele entrou; sucessiva inconsciência desfeita.
